

ARTIGO DE OPINIÃO  
**REPRESENTATIVIDADE**

POR:  
**Marielle Campos  
de Souza**

2º Ano Matutino

“Eu cresci em um mundo onde uma mulher como eu, com o meu tipo de pele e cabelo, nunca foi considerada bonita. Acho que isso pode mudar hoje”<sup>1</sup>.

Nove de dezembro de dois mil e dezenove. Após 8 anos, uma mulher negra é vencedora do Miss Universo 2019. A quinta mulher negra coroada em 68 anos de concurso<sup>2</sup>.

O Miss Universo é a maior competição internacional de beleza feminina, que ocorre há mais de 5 décadas<sup>3</sup>, com o objetivo de eleger a mulher mais bonita do mundo. A beleza, contudo, não é o único requisito avaliado: os juízes analisam, por exemplo, se a candidata é comunicativa, pois ela será o portal de voz de milhares de mulheres. Além disso, é necessário que ela seja empática e goste de estar envolvida com causas sociais, visto que muitas obrigações da Miss Universo se relacionam com o trabalho voluntário.

Zozibini Tunzi, 26 anos, eleita Miss África do Sul 2019, conquistou o público/júri por meio de seus posicionamentos contra o racismo e machismo, se destacando também por incentivar mulheres a serem líderes. Em seu Instagram, publicou uma foto após receber o título, afirmando que gostaria que cada menina sentisse seu rosto representado pelo dela.

Tunzi, acredito que inúmeras mulheres estão se sentindo representadas por você - pois eu me sinto! Destaco a importância do título desse texto, dado que a representatividade funciona como um impulso para pessoas negras se inspirarem em outros negros, buscando ocupar espaços de poder que foram em maioria preenchidos por pessoas brancas ao longo da história da humanidade. Ainda, cabe frisar que em outra foto publicada em seu feed do Instagram, a Miss começou a legenda com “Eu sou porque você é.”, frase da filosofia Ubuntu

---

<sup>1</sup><https://oglobo.globo.com/ela/miss-universo-2019-cresci-em-um-mundo-onde-uma-mulher-que-se-parece-comigo-nunca-foi-considerada-bonita-1-24126112>

<sup>2</sup> <https://falauniversidades.com.br/zozibini-tunzi-miss-universo-2019-68-anos-de-concurso-miss-negra/>

<sup>3</sup> <http://pageants.india-server.com/miss-universe/history.html>

que significa que as pessoas estão conectadas com as outras e essa relação estende-se aos ancestrais e as gerações futuras<sup>4</sup>.

Ademais, penso que é indispensável elucidar como o padrão de beleza eurocêntrico (mulher branca, magra e com cabelo liso) estruturou uma base racista que se manteve durante anos (e ainda se mantém), afetando de forma cruel mulheres negras, uma vez que a mulher que não se enquadrasse nesse padrão, não era considerada bonita. Para uma mulher branca, bastava mudar algum traço de seu corpo para se encaixar nesse padrão, mas para a mulher negra não era tão fácil assim, porque, apesar de ter algumas características instituídas pela sociedade, não era possível mudar a cor de sua pele. Por isso, a coroação de uma mulher negra com cabelo curto é um motivo de comemoração, visto que isso demonstra que é possível pensar em diferentes formas de belezas fora do padrão europeu comumente brindado pelo concurso.

Com a oportunidade de escrever neste espaço, gostaria de compartilhar brevemente o que a representatividade fez por mim.

Eu, enquanto uma mulher que me reconheço negra hoje, cresci em um círculo social em que a maioria das mulheres tinha cabelo liso, devido a isso durante a minha infância, escolhi que meu cabelo deveria estar trançado para esconder o volume. Aos nove anos, utilizei pela primeira vez produtos químicos para alisá-lo, já que todas as propagandas que passavam na TV indicavam que o cabelo liso era “bom” e eu acabei internalizando isso, o que levou exatos seis anos para ser superado.

Em 2015, eu estava cansada de ter que ir ao salão de beleza para alisar novamente, toda vez que a minha raiz do cabelo crescia, e coincidentemente, comecei a notar uma diferença, que me fez refletir acerca da beleza feminina negra. Ao caminhar pelo centro de Umuarama-PR (minha cidade natal), eu observava mulheres negras usando cabelos cacheados/crespos soltos, amarrados, em coques, com bandanas ou turbantes. Na mesma época, ocorreu um aumento significativo na produção de produtos específicos para cabelos cacheados, algo que não acontecia antes. Eu iniciei, então, uma mudança de chave em meu cérebro, a fim de assumir meu cabelo natural e deixar de lado anos de química.

Confesso que a minha transição capilar não foi fácil. Em vários momentos pensei em desistir, porque era desconfortável lidar com duas texturas de cabelo; mas o que me motivou e acabou se tornando um dos meus passatempos preferidos nessa fase foi assistir a vídeos de

---

<sup>4</sup> <https://jornalggn.com.br/noticia/ubuntu-eu-sou-porque-nos-somos-2/>

mulheres com diferentes tipos de cabelo cacheado/crespo. E deu certo! De pouco em pouco, fui cortando o resto de cabelo liso até ficar com ele totalmente natural. Que alívio! Posso afirmar que a transição capilar refletiu diretamente na minha autoestima, fazendo com que eu me sentisse mais segura de mim.

Entretanto, embora hoje, aos dezenove anos, eu me sinta muito bem com a minha pele, meu cabelo, minhas características, a forma como o racismo interfere na minha vida e opera silenciosamente ainda é maior do que a minha aceitação. Ser confundida com uma funcionária de uma loja, ter que me esforçar para poder participar de um assunto em uma roda de conversa, achar que um rapaz bacana quer amizade comigo por não me sentir bonita o bastante para ele querer algo a mais, são situações cotidianas nas quais o racismo continua me machucando e falando que, por mais esforçada que eu seja, não sou boa o suficiente.

Abordando a minha vida acadêmica, no dia 27 de março de 2018 às 14h07min, recebi um e-mail da Diretoria de Assuntos Acadêmicos (DAA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com o seguinte título: “Convocação para manifestar interesse pela vaga e matrícula”. Eu fiquei sem reação, pois já estava matriculada há um mês no curso de Direito da Unipar em Umuarama. Diante do e-mail, eu não hesitei duas vezes em desistir da bolsa integral ProUni que havia sido contemplada por meio do ENEM para cursar Direito na UEM. Fui chamada de “louca” por muitas pessoas e eu até entendo, porque, analisando financeiramente, era mais viável permanecer morando com os meus pais sem pagar a faculdade, do que ter gastos morando sozinha.

Cursar Direito na UEM era um sonho muito distante para mim, por ter estudado minha vida inteira na rede pública de ensino, o que me deixava receosa por ter que competir com alunos de escolas particulares que estavam mais preparados que eu.

Recordo fortemente o primeiro dia de aula no famoso D-34. Quando entrei na sala, senti olhares estranhos direcionados a mim e me sentei no fundo porque todas as cadeiras da frente estavam ocupadas, já que havia se passado mais de duas semanas de aula. Apesar disso, o que mais me chocou foi que não encontrei nenhuma pessoa negra na minha sala.

Depois desse dia, me perguntava frequentemente: “Onde estão as pessoas negras na UEM?”, uma vez que em 2018, a universidade tinha 18.001 alunos matriculados na modalidade presencial e EAD<sup>5</sup>. Infelizmente, consigo contar em uma mão até hoje (2º ano do

---

<sup>5</sup> <http://www.cpr.uem.br/images/2019/pdf/BASE-DE-DADOS-2019-UEM.pdf>

curso) quantos professores negros eu tive e foram três, considerando que dois desses professores são lotados em outros departamentos, para além disso, ao fazer uma breve análise dos docentes dos anos seguintes, não vejo a presença de professores/as negros/as.

No entanto, em meio a esse cenário triste, no dia 20/11/2019 (Dia da Consciência Negra), a UEM conseguiu uma vitória: a aprovação da implantação da política de cotas raciais, uma grande luta em prol de uma universidade mais plural e democrática.

Concluindo a minha experiência pessoal com o racismo e a representatividade, neste ano, quando estava saindo do bloco D-34, encontrei uma caloura negra e tivemos uma conversa que me marcou muito. Ela me disse uma frase que eu nunca esquecerei: “você me dá forças para continuar no curso”. Eu fiquei extremamente feliz ao escutar isso e veio a minha cabeça automaticamente a filosofia Ubuntu: “eu sou porque nós somos”. Eu e ela conversamos sobre representatividade e como existem pouquíssimos negros no nosso curso, dividimos as nossas lutas para passar na UEM e me coloquei a disposição para sanar qualquer dúvida em relação ao curso ou as dificuldades da vida.

Retomando ao assunto inicial desse texto - a coroação de uma mulher negra no Miss Universo 2019, gostaria de abordar alguns títulos de mulheres negras a nível nacional, apenas por curiosidade. Em 2016, Raissa Santana foi a segunda mulher negra a ser eleita no Miss Brasil depois de exatos 30 anos da última vencedora negra e ficou entre as treze finalistas do Miss Universo 2017<sup>6</sup>. Ainda, Raissa Fortes foi a ganhadora do Miss Maringá 2019<sup>7</sup> e abordando o ramo musical, MC Rebecca foi a primeira mulher negra a liderar o TOP 1 do Spotify Brasil em 2019<sup>8</sup>.

Por fim, encerro essa reflexão acerca da representatividade com a frase da Djamila Ribeiro, filósofa e feminista negra: “O Feminismo deve contemplar todas as mulheres, é necessário perceber que não dá para lutar contra uma opressão e alimentar outra”<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup><https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2016/10/paranaense-raissa-santana-e-eleita-nova-miss-brasil.shtml>

<sup>7</sup><https://maringapost.com.br/sala3/2019/07/28/raissa-fortes-e-eleita-miss-maringa-2019/>

<sup>8</sup><https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/11/mc-rebecca-se-torna-lo-mulher-negra-a-ocupar-top-1-do-spotify-brasil-em-2019>

<sup>9</sup> RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Companhia de Letras, 2018.